

The first part of the document is a letter from the Secretary of the State to the Governor, dated January 1, 1901. The letter is addressed to the Governor and is signed by the Secretary. The letter discusses the state of the state and the progress of the government. The letter is a formal document and is written in a professional and respectful tone. The letter is a copy of the original and is signed by the Secretary. The letter is a copy of the original and is signed by the Secretary. The letter is a copy of the original and is signed by the Secretary.

The second part of the document is a letter from the Governor to the Secretary of the State, dated January 1, 1901. The letter is addressed to the Secretary and is signed by the Governor. The letter discusses the state of the state and the progress of the government. The letter is a formal document and is written in a professional and respectful tone. The letter is a copy of the original and is signed by the Governor. The letter is a copy of the original and is signed by the Governor. The letter is a copy of the original and is signed by the Governor.

Homenagens

ANA MARIA DE ALMEIDA E O CESP

Wilton Cardoso

Decidiu-se que este número do *Boletim* havia de registrar o afastamento, pelo instituto da aposentadoria, de alguns professores da UFMG que, em sua Faculdade de Letras, prestaram colaboração mais efetiva às atividades do Centro de Estudos Portugueses. Cabendo-me escrever sobre a diretora Ana Maria de Almeida, confesso a perplexidade com que me acerco do tema.

Na verdade, entre os móveis que explicam o complexo comportamento dos homens, costuma haver desses estados de espírito que não obstante denunciavam razões bem claras. Aqui parece que se podem identificar pelo menos duas. A primeira, vinda no estouro da surpresa do ato que, embora provocado, a colheu logo no início de um novo mandato, não só atenuava o gesto dos que acertadamente a tinham reconduzido à função, como ameaçava a certeza de um novo período pleno de realizações positivas. A segunda, de teor acentuadamente afetivo, derivava do fato de se tratar de antiga aluna que acompanhei

desde os tempos da adolescência colegial e que, tendo prestado o seu primeiro concurso de magistério no colégio que instituíramos como estágio de novéis professores, acabou por vencer toda uma carreira universitária na docência da disciplina cuja cadeira regi por cerca de vinte anos. Efetivamente, só nos havíamos de distanciar a partir do momento em que a boa-fé de alguns novos turcos descobriu que o mal do ensino no país consistia... na existência de professores catedráticos que haviam dado provas de suficiência jamais iguais em toda a nossa história. Mas deixemos isso, até porque o perfil da atual universidade brasileira ilustra suficientemente o fato.

Quando, por sugestão de ilustre diplomata, que na época representava o governo português em Belo Horizonte, tomamos a decisão de instituir na UFMG um órgão destinado a ressaltar as origens lusitanas de nossa formação, com ênfase sobre o inquestionável dado cultural, não tivemos em mira, como é óbvio, a simples difusão ou expansão das letras portuguesas sobre um espaço que, na época, lhes parecia pouco receptivo. Continuamos a pensar, como sempre pensamos, que Portugal, enquanto obra meramente portuguesa, não nos interessa mais do que a Somália ou o Afeganistão. Se lhe emprestamos mais do que a pura admiração pela proeza de testacudos navegantes em busca de territórios bugres é

que essa façanha atingiu grossa parte da América e aqui se estabeleceu com a energia da raça e incontáveis erros políticos e administrativos. Por isso, na hora em que se pensou em erradicar a disciplina Literatura Portuguesa dos currículos de letras da universidade brasileira, como se procedeu com relação ao ensino de 1º e 2º graus, tomamos posição contrária, lembrando que o estudo das letras portuguesas integra, nas universidades do país, um departamento de letras vernáculas, a saber - letras próprias do país.

Convém assinalar que a fase nascitura do CESP teve de arrostar com dificuldades que só o respeito que dedicamos à instituição a que consagramos toda uma vida nos impede de qualificar mesquinhas. Mas explica-se. Acabávamos de sair de uma coisa chamada *reforma universitária* em que, quaisquer que tenham sido as inspirações filosóficas ou científicas do projeto, o que acabou por dominar foi a consolidação de um regime estatal empenhado em perseguir professores e prender estudantes. Era natural, pois, que se defendessem todas as linhas do risco para não sacrificar a imagem do bordado, e foi assim que, além da impropriedade do nome, que não podia ser *instituto*, reservado a outra espécie, tivemos de restringir o campo de atividade que, de uma idealizada abrangência universitária, acabou por solidificar-se em compartimento de uma unidade escolar

Fosse como fosse, o certo é que o CESP se criou, e, se atentarmos nos limites de nossas realidades como nos de toda aspiração humana, não há por que dele tenhamos de pedir desculpas.

Ana Maria de Almeida foi, desde a primeira hora, excelente colaboradora na implantação e consolidação do órgão que pautava todas as suas realizações em decisões de um colegiado. Participante do primitivo Conselho Administrativo e, se não me falha a memória, sua primeira Secretária, foi sempre presente e eficaz nas diferentes salas do prédio da Rua Carangola por onde se espalhava a sede do incipiente centro de estudos. Feita Diretora, em 1986, não só conseguiu local próprio para sua instalação no novo prédio da Faculdade de Letras, como sediou em compartimento contíguo a biblioteca continuamente enriquecida à custa de doações que insistentemente provocava.

Vinda de experimentado tirocínio na disciplina Literatura Brasileira, Ana Maria de Almeida compreendeu logo e assimilou no devido sentido o intuito com que se fundou o CESP - obra de intercâmbio cultural, onde, a par do reconhecimento de peculiaridades recíprocas, as letras do Brasil e de Portugal se entendem num esforço de civilização comum. Nesse sentido, uma das suas primeiras realizações foi o I Encontro Nacional de Cultura dos Países de Língua Portuguesa que, só

pelo tema, define as suas diretrizes. Do mesmo modo, se em 1988 organizou um simpósio comemorativo do Centenário do Nascimento de Fernando Pessoa, no ano seguinte dedicou toda uma semana de estudos à celebração do Sesquicentenário do nascimento de Machado de Assis. Igualmente, se em fins de 1990 organizou um seminário sobre Datas Significativas da Literatura Portuguesa, em princípios de 1991 presidia a um congresso a respeito de *O Movimento Vintista Português e o Brasil*. Uma de suas últimas programações, já na antevéspera da aposentadoria, visava a comemorar neste ano de 1992 o advento do Modernismo Português e Brasileiro, movimento que irmana, no grupo de *Orfeu*, os nomes de Fernando Pessoa e de meu saudoso primeiro mestre Ronald de Carvalho.

Mas não é só. Os Relatórios de Ana Maria de Almeida, famosos no CESP pela precisão e minúcia nem sempre comuns aos espíritos dedicados a temas de arte e ficção, dão conta de um zelo contínuo e constante dedicação ao que poderíamos chamar o cozimento diário do trivial administrativo. É uma longa correspondência com embaixadas e embaixadores, consulados e cônsules, reitores e diretores de universidades e outras instituições de ensino e órgãos culturais no sentido de os auscultar a respeito de possíveis convênios que facilitem o intercâmbio de professores, pesquisadores e

estudantes de universidades brasileiras e portuguesas.

Tudo isso permite afirmar que o CESP, instituição hoje irreversível da Faculdade de Letras da UFMG, deve a Ana Maria de Almeida muito da pedra de canto do edifício de sua consolidação.

AO PROFESSOR ITALO MUDADO

Valmiki Vilela Guimarães

Mestre,

Por ocasião de sua aposentadoria fui incumbido, pela Câmara Departamental, de escrever-lhe mensagem de agradecimento por sua atuação como educador na UFMG.

Achei a missão difícil. Não sei ser formal como a circunstância, creio eu, exigia. E temendo ter que me valer dos clichês tradicionais da retórica burocrática, recusei a tarefa.

Passou tempo, aposentei-me também. Tudo parecia esquecido. Eis que Lélia - perdão! a Diretora do Centro de Estudos Portugueses - pede-me para ser o autor de mensagem etc etc a ser publicada neste Boletim. Apelou para o fato de sermos - ela, você e eu, dentre outros - fundadores desta Instituição. Aceitei.

Justifico: a situação, agora, é outra. Afastado da Faculdade, sinto-me desobrigado daquela linguagem protocolar, despida de sentido, falha de nervos e de emoções. Poderei lançar ao papel não mais aquilo que julgava corresponder à vontade da Câmara, mas o que a amizade e a convivência de tantos anos vão ditar.

Não será, por certo, o histórico de sua atuação na UFMG. Falta-me competência para relato que se emparelhe com registros de computador burocrático. Será, antes, uma crônica, por certo permeada pela emoção e ditada pela saudade de quem partilhou, por longos anos, o mesmo gabinete de trabalho e pôde, com isso, aproveitar a lição segura do mestre e companheiro.

Cabe explicar aqui porque inicio esta crônica chamando-o de Mestre. Este título foi-lhe atribuído por seus colegas no Colégio Universitário, que tinham em você o "saber de experiência feito". Nada mais justo.

E mais: habitam a mesma pessoa um excelente diretor de teatro e revelador de talentos, um professor seguro do que diz e faz, boêmio de primeira cepa, ouvinte atento e juiz sincero, cultor de artes plásticas, nadador de vários estilos, carnavalesco pé-de-samba e emérito petequelroi Um mestre, pois na límpida acepção da palavra.

Essa diversificação de fazeres de modo algum implica superficialismo no conhecimento de literatura. E não serei a

única voz a comprovar a profundidade de seu saber: um coro altissonante de incontáveis alunos há de proclamar a excelência de seus ensinamentos em Pessoa ou Camões, Sá de Miranda ou José Régio, entre tantos outros!

Sei que você ingressou na Universidade em 1955, pelo Colégio de Aplicação; depois, no Colégio Universitário em 1965 e, em 1972, veio para a Faculdade de Letras; leciona no Teatro Universitário desde 1984.

O que mais nos chama a atenção, nessa trajetória, é a carreira paralela de diretor de teatro. Tendo sido ator sob a orientação de João Ceschiatti - lembro-me de tê-lo visto de peruca loura e casaca de cetim em *Escola de Maridos* - você soube unir as duas vocações - teatro e magistério - com ganhos concretos para ambas. Que o digam seus alunos todos, desde o Colégio de Aplicação!

Suas aulas de cultura - mais que de gramática ou literatura - atraíam os alunos que estudavam com igual interesse Sófocles e análise sintática, verbos irregulares e Drummond, Graciliano e etimologia, funções do QUE e Ionesco... Da fatalidade clássica ao absurdo contemporâneo aprendiam eles e fruíamos nós nas memoráveis representações no pátio do Coleginho!

É esta uma lição que não se pode perder: professor, para ser bom comunicador, deve desenvolver qualidades de ator para que seu público compreenda, participe e saiba julgar o que lhe é ensinado. *Auf*

prodesse aut delectare, pois não?

Quando vim para a FALE, em 1976, é que pude dedicar-me ao estudo sistemático de literatura portuguesa. E o fiz sob sua orientação, conhecimento profundo e abrangente dos muitos itens do programa.

O que mais aproveitei terá sido, por certo, os estudos do Simbolismo. Percorremos Baudelaire, Verlaine, Rimbaud, Mallarmé, para melhor compreendermos Sá-Carneiro e Pessanha. Ilustramos aulas com Debussy, Monet, Renoir. O prazer de preparar as aulas igualava-se ao de ministrá-las bem, com resultados surpreendentes de nossos alunos.

Eu soube então separar o joio do trigo, relegar a merecido abandono os ouropéis de Eugénio de Castro e de outros nefelibatas igualmente sem inspiração. De um lado, a Poesia, degustada no "solo de flauta"; do outro, aliterações abusivas, cacofonia travestida de musicalidade, exibindo-se entre "cornamusas e crotalos"...

O joio, certamente, não tem a mesma vitalidade do trigo; não deve ser bom para se fazer pão. Mas para outra coisa servia. Inspirado por Dionisos, reuni-se não todos, quase - chavões do Simbolismo numa paródia que lhe dedico, Mestre, e com que termino esta crônica. Ei-la:

FANTASMAGORIAS

Válmikí

Suave palor opalescente
vela o Ocaso do velho Sol.
Emanações grisalhas, ao longe,
esbatem seu fulgor outonal.
Devaneio ... Meu olhar persegue
volutas violetas de fumo.
Decifro florestas, animais,
terras de bruma e melancolia.
Vislumbro, em ruínas, barbacã,
paços, muros, ailerosas torres ...
Onde? a, de mãos belas, castelã,
que teceram licornes, acantos ...
Numa enevoad e fria sala,
restos de dilaceradas telas,
fugidios fantasmas, farrapos,
miragens de finados encantos:
E, num recanto qualquer, perdido,
jaz claro gládio de paládio
fulgindo na panóplia ao lusco
fusco. Sua luz seduz e vibra.

II

A fibra da tarde arde e cai.
O Ocaso - paleta divinal -
Esplende em tons jamais percebidos,
de mar e pedra, de sombra e luz.
Estrelas, como em caleidoscópio,
provocam-se um efeito de ópio.
E entre Céu e Terra, Vésper luz.
Seus reflexos azuis já reluzem
nos paus, onde lemas gosmentas
deslizam nas losnas. Rosnam cha-
cais
e hienas nos fenos fenecentes.

III

Noite. Um açolte estala no ar.
O luar se espalha, esmigalha.
E retine e pipoca na toca
o trilo agudíssimo do grilo.
Zig-zagi Outro raio risca o éter.
O estrondo troa atroz, veloz,

e o vento volta varrendo os véus
dos céus. Finas faúlhas falsacam.
Nuvens sumarentas afanam-se
em despejar seu sumo ao solo
Sequiosa, embebida-se a Terra.

IV

Súbito, estremeço. Que sei?
Perco-me na aérea espira,
novamente, em doce devaneio.

V

O sol jorra na clara manhã
Semeando jatos de amarelo,
em brilhos vidrilhos de arrebol.
A aranha refaz seu aranhol.
Na glaba úbero, generosa,
olor de mirta, nastúrcio, rosa.
Passam horas, místicas, nervosas.
O Poente, doente, se esquece.
Ouvem-se ciclos feito prece.
Sem que se entanguesce, penum-

brece ...

Lá ao longe a clara linfa leva
Ofélia, ofegante. Vai ela
lívida, hirta, destemerosa.
Pálidos nenúfares, aos pares,
imagens de pagens, penitentes,
seguem-na servis, em procissão.
E o rio murmura uma oração.

VI

Penumbbras aveludadas velam
vórtices das volutas lílasee
no fumo enovelado do éter.
Violinos outonais entonam
veladas vozes. Com vagar vibram
febris. Scillóquilo na alameda.
Eólias cornamusas, em torno,
entornam álacres melopéias,
e às ninfas comandam coréias.
Melodia enluarada, argêntas.
Lírios loucos lembram ledos
rítmos, rouços, arretatados.

VII

Ora plúmbea, ora nívosa,
a paisagem estremece, estruge.
Rolam pedras, derrocam rochedos.
São alest os sátiros brincões
estraçalhando, estrondorosamente,
líanas, líames ... Letargia.
Sono. O som se vai, esmorecente,
pelas alamedas, ao luar.
E o sol se pôs, p'las bandas do Mar.
Silêncio em volta. Tudo calmo.
Sonho? devaneio? fantasia?
Não sei ... Por um momento sem
tempo,
fui Rei!

Fev./Jun. 1989

Belo Horizonte, 07 de outubro
de 1991

Of. 051/91 - LEV

AO PROF. VALMIKI
VILLELA GUIMARÃES

Senhor Professor,

Os professores deste Departamento decidiram em reunião que fosse eu a portadora dos nossos agradecimentos pelos serviços prestados por V. Sa., na data em que se aposenta.

Primeiramente cabe ressaltar o seu desempenho como professor de Literatura Portuguesa, marcado pela seriedade e pela competência e, por isso, causando respeito e admiração

de seus alunos. Ao lado do professor, convive o mestre em Literatura Brasileira capaz de fazer a ponte entre as duas literaturas vernáculas, e o pesquisador, que ultimamente vem trabalhando em equipe com docentes da área de Ciências Humanas.

Em segundo lugar, sublinham-se as suas atividades no âmbito da Administração Acadêmica. Como chefe do Departamento, V. Sa. soube aglutinar forças para organizá-lo e dar-lhe a importância merecida na Faculdade de Letras. Como um dos fundadores do Centro de Estudos Portugueses-CESP, seu Conselho por muitos anos e seu Diretor, V. Sa. lá desenvolveu um trabalho de valorização dos estudos sobre o país amigo: criando eventos ou deles participando; auxiliando na elaboração do Boletim; zelando pela Biblioteca e incentivando maior frequência de usuários; sugerindo contatos com entidades brasileiras e portuguesas, com o objetivo de obter o apoio, o crescimento do acervo e o patrocínio de promo-

ções diversas. V. Sa. colaborou, ainda, com outros órgãos da administração acadêmica, entre os quais citam-se a Coordenação do Setor e a Representação da Câmara Departamental, de forma sempre atuante.

Finalmente, um agradecimento carinhoso ao colega sempre disposto a dizer uma palavra de amizade e compreensão, ao amigo da franqueza - sério ou jocoso dependendo da oportunidade do momento - ao companheiro espiritualista e solidário nas alegrias e tristezas. Tudo isso, não raro sob a forma de poemas ou cartas-bilhete de cunho literário, que nos fazem o maior bem.

Na certeza de que essa aposentadoria não seja índice de afastamento do nosso convívio profissional nem pessoal, contamos com a sua presença constante em nossas atividades nesta nova fase de sua vida, que desejamos muito feliz.

Profa. Leticia Malard

Chefe de Depto. de Letras Vernáculas